

Catolava



FANTASIA

#9

Eder Turziani / Fábio Carvalho / Henrique Fraga
Luis Felipe Camargo / Pedro Fonseca / Rafael Dardes
Rick Rodrigues / Rodrigo Mogiz / ZANI

Is this the real life? Is this just FANTASY?

A fantasia se torna a realidade se acreditarmos nela. Desde muito tempo, artistas questionam a própria realidade, buscando o fantasioso e rompendo estruturas tradicionais. Nesta edição, ouvimos a Bossa da Poesia em Natal; fomos de Londres a Minas Gerais; batemos um papo com o ilustrador surrealista Luis Felipe Camargo; conhecemos o projeto de bordado "Almofadinhas" e o processo de criação do fotógrafo Rafael Dardes. Esta edição é mais simples e intimista, por um motivo bem especial: este ano estamos comemorando 5 anos e estamos preparando uma série de projetos e novas edições especiais. #9 é um número enigmático e fantasioso que antecede a finalização de um ciclo.

Arthur Anjos
diretor

EXPEDIENTE

DIREÇÃO
Arthur Anjos

PROJETO GRÁFICO
AM Criativo

ARTIGOS E MATÉRIAS
Arthur Anjos, Marina Seif e Rafael Dardes

FOTOGRAFIA

Eder Turziani, Pedro Fonseca,
Rafael Dardes e ZANI

CAPA

ilustração – Luis Felipe Camargo

CONTEÚDO

EDITORIAIS

04
Cowboy Style

18
Devaneios

44
Thyself of Mine

MÚSICA

14
Na Bossa da Poesia

CAPA

28
Cores & Fetiches

ARTE&MODA

38
Almofadinhas

Cartola é uma revista independente de moda masculina e arte. Esta é uma edição digital, disponível gratuitamente para visualização e download. Versões anteriores impressas podem ser adquiridas na loja online ou nos pontos de venda. A publicação não pode ser impressa sem autorização prévia. A reprodução online é permitida perante colocação dos créditos da revista.



COWBOY STYLE

fotografia – ZANI
styling – MARLON EQUER
modelo – LEANDRO DALMASIO (Andy Models)
beleza – VICTOR CHEVALIER









Na bossa da poesia

fotos **PEDRO FONSECA**
moda **IGUALES**

Conheça Henrique Fraga e seu primeiro álbum, "Bossa da Poesia"

Mais conhecido pelos seus trabalhos como modelo, Henrique Fraga agora revela uma outra veia artística: a música. Natural de São Paulo, o jovem de 22 anos está lançando seu primeiro álbum, "Bossa da Poesia", e revela seu talento além das lentes das câmeras.

Filho de donos de bar, o contato de Henrique com música veio desde cedo. O negócio da família o proporcionou ter contato com diferentes gêneros musicais brasileiros, contribuindo para sua paixão. "Minha infância foi repleta de rodas de samba, voz e violão nas mesas de bar, até que com 10 anos de idade ganhei meu primeiro violão. Entre idas e vindas nos estudos, aos 17 me encontrei de vez no canto e na composição, desde então venho amadurecendo minhas criações. É só o começo.", comenta.

Como modelo já participou de produções audiovisuais e publicações em sites e revistas como Adon, Brazilian Male Models, Glam, Male Fashion Trends, entre outras; esbanjando um talento natural frente às câmeras. Em 2017, protagonizou o clipe da música "E Ai Bebê", da drag queen Kaya Conky. No ano seguinte, foi capa da revista Cartola, modelando em editorial fotografado por Pedro Fonseca, fotógrafo que o descobriu.

Aos poucos Henrique passa por um processo de amadurecimento e amplia seu campo de audição com diferentes gêneros musicais, transformando-o numa miscigenada representação do país. A brasilidade o domina, e parte disso vem de seu objetivo como artista: (re)existir e buscar a valorização da musicalidade poética autoral brasileira, que cada vez mais se perde em moldes da Indústria Cultural globalizada.



“Entre idas e vindas nos estudos, aos 17 me encontrei de vez no canto e na composição, desde então venho amadurecendo minhas criações. É só o começo.”

Agora se aventurando de vez na música, em “Bossa da Poesia”, Fraga apresenta um trabalho maduro e com fortes influências da Bossa Nova e Samba. O álbum contém 8 faixas que foram produzidas por Gilvan Santos (RatoStudio), contando ainda com participações de Jorge Cravo e Nathan Alves em algumas das composições. O álbum marca uma nova fase de sua carreira como músico e modelo, estreando um novo projeto da revista Cartola, voltado a música e a moda, a ser lançado nos próximos meses.

CARTOLA SESSIONS

“Cartola Sessions” é um projeto cultural da revista que conta com apresentações trimestrais de música autoral, propondo novas experiências com arte e música em lojas, galerias e barberias. A primeira edição acontecerá em Natal e trará o modelo e músico potiguar Henrique Fraga, apresentando seu álbum “Bossa da Poesia”.

Mais informações e ingressos estarão disponíveis a partir de outubro no site da Cartola ou em Sympla.com/cartolamag.



D

e

v

a

n

e

i

o

s

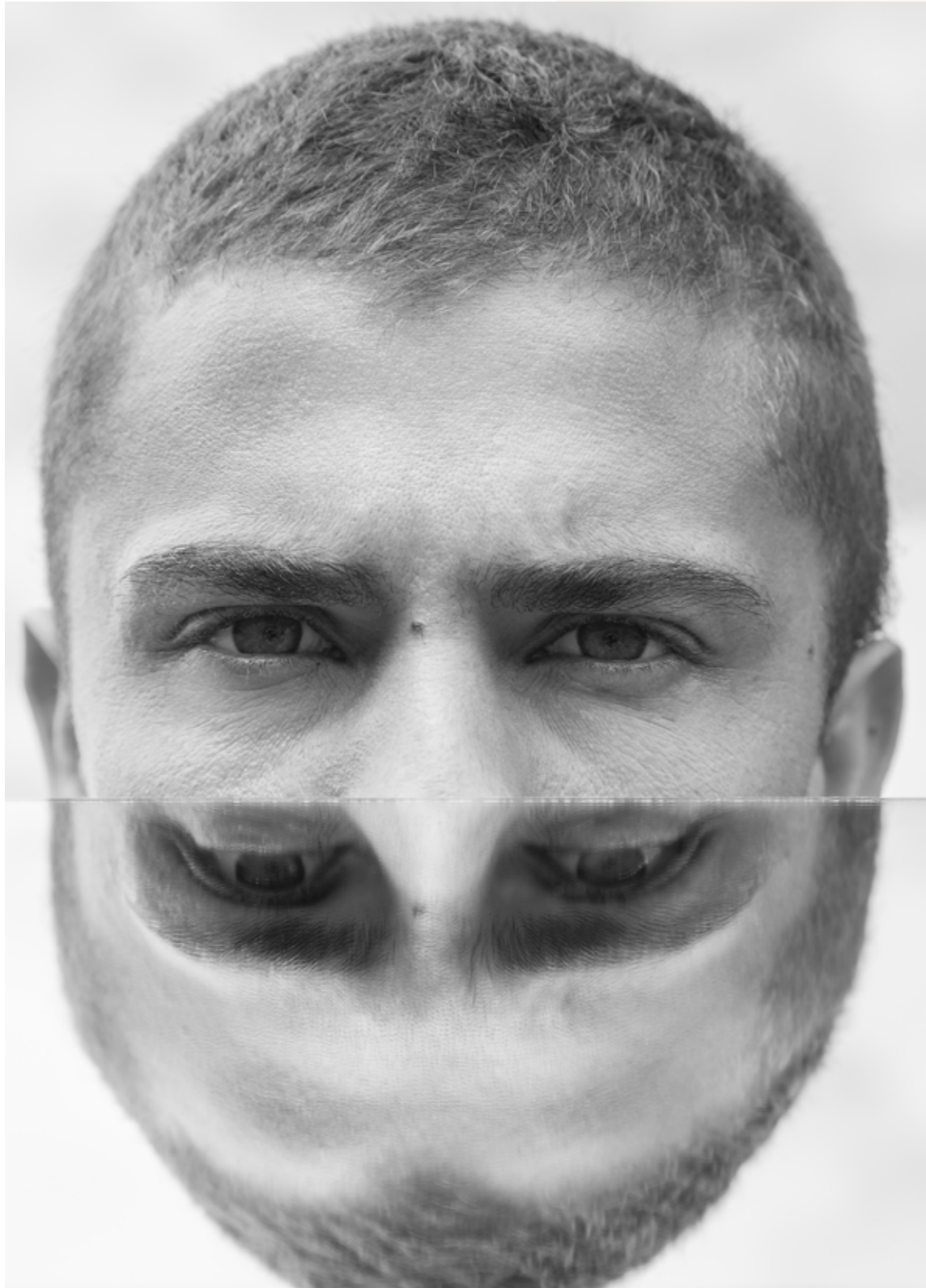
Devaneio: Estado da pessoa que divaga ou se deixa levar pela imaginação, pelas lembranças ou pelos sonhos. Sonho; o que resulta da fantasia. Aqui, buscamos referências no movimento de arte surrealista, que engrossou os movimentos de vanguardas do início do século XX. Com grande influência pelas teorias Freudianas, os surrealistas seguiram métodos contra o controle do consciente na ação artística, desprendendo o inconsciente.

fotografia – **EDER TURZIANI**
modelo – **ARAN BUENNO** (Nevs Models)
styling – **GIOVANNA PIERGALLINI**
beleza – **MILLIE GORDON**





scarf **acervo**
calça **WEEKDAY**





cartola **acervo** / calça **TOPSHOP**



calças **WEEKDAY**



cartola **acervo**
blazer e calça **H&M**
t-shirt **WEEKDAY**

CORES & fetiches

Nudez, pluralidades e fetiches. Conheça o trabalho do artista visual Luis Felipe Camargo

Formado em Artes Plásticas pela UNESP, Luis Felipe Camargo, une o preciosismo da aquarela com um potente trabalho de ilustração, cheio de cor e formas misteriosas escondidas em seus retratos. Como mesmo define, seu trabalho fala sobre narrativas e histórias, com foco no indivíduo; arte realista surrealista simbolista.

Nascido em São Paulo em 1985, o ilustrador começou a pintar com óleo aos 6 anos por influência de uma vizinha que pintava, deixando-o obsecado pela ideia. Apesar de não haver muita técnica envolvida, ou ser um pintor prodígio, a paixão o acompanhou ao longo da vida. Autodidata, Camargo está sempre se reinventando e atualmente desenvolve projetos mais homo eróticos, sobre a masculinidade e o que significa ser homem de diferentes pontos de vista.

Entre a nudez, as pluralidades do que é ser homem e fetiches, a fantasia e o surreal está sempre em suas obras. É por isso que o artista é a capa e o entrevistado dessa edição.



“Meu trabalho me ajudou a ver os pontos em que eu precisava, e ainda preciso, me desconstruir.”

COMO SE DEU SEU CONTATO COM ARTE?

Minha família não é nada cultural ou artística. Exceto por uns primos e tios arquitetos, ninguém se interessa muito por isso. Meu contato foi por curiosidade e eu autodidata, até me preparar pra entrar na Universidade. A Unesp me ajudou muito nesse sentido; abrir a cabeça pra infinitudes de coisas e me dar referências. Não aprendi técnica lá, mas montei repertório, que é outro lado da moeda. Aprendi a colecionar referências e saber o porque gostava de uma coisa ou não. A partir daí que criei o hábito de ir a museus, exposições, desfiles, mostras e festivais; se aprende mundo só com o olhar.

FETICHES E FANTASIAS SÃO BASTANTE PRESENTES EM SEU TRABALHO. COMO É TRABALHAR COM ESSAS TEMÁTICAS? VOCÊ ACHA QUE O HOMEM AINDA ENFRENTA ALGUNS TABUS QUANTO A ISSO?

Sim! Acredito muito na revolução sexual que estamos vivendo agora; o lance do nude, os apps e os selfies ajudaram a desmistificar o sexo, os fetiches e as filias. Também sinto um maior senso de comunidade, que não tinha antes. Já existem festas e espaços onde você pode frequentar, com gente quer e gosta do mesmo que você, abertamente.

Por outro lado, a gente também vive a cultura do espetáculo, onde todo mundo é o protagonista da sua própria história, com seguidores e público. É um momento interessante, e muito pertinente a minha comunidade. Sou

gay, duma geração que nasceu sem internet e que aprendeu ser gay na rua, com outros gays. Hoje existe muito mais informação e liberdade, mais espaço de discussão sobre o que é ser gay, sexo e corpo. A gente ainda tem MUITO que falar, crescer, desconstruir; então sim, tem muito tabu. E muita censura.

Ser homem gay no Brasil é bastante complicado; a masculinidade tóxica, o machismo e uma educação religiosa encheu a cabeça da gente de merda. Meu trabalho me ajudou a ver os pontos em que eu precisava, e ainda preciso, me desconstruir. Me colocar no lugar do outro, tentar ver sobre a perspectiva dele, num o papel do ilustrador, por isso amo o que eu faço.

Tento usar meu trabalho como uma forma de ativismo, ainda que pequena; introduzir diversidade mesmo quando o briefing não pede. Mas gostaria, e quero, que meu trabalho sirva de plataforma pra levar histórias pra frente.

Foi meio que no meio disso tudo que comecei a fotografar e colaborar com a marca BoldStrap, de roupas de fetiche gay, do estilista Pedro Andrade, minha irmãzona. A gente começou com uma colab pontual, e a coisa foi crescendo, muito porque a gente compartilha duma mesma visão e valor pela diversidade, pela comunidade LGBTQIA+ e porque a gente ama muito ser gay.

Quando enfiamos sexo na história, aí a coisa fica ainda mais complicada; por isso comecei esse trabalho. Queria normalizar determinadas coisas, entender porque a arte objetificou tanto a figura do nu feminino, deixando o nu masculino como erótico e lascivo, e mostrar que tem beleza em todo tipo de cor, de genero, de história. Tô nessa vive, pouco a pouco buscando modelos e histórias pra pintar.

QUAIS MATERIAIS COSTUMA USAR?

Sou um especialista em Aquarela. Já tentei outras técnicas, mas eu gosto mesmo é de papel e do tempo da aquarela. Tô aprendendo guache, pouco a pouco, mas eu cheguei num ponto em que consigo (quase sempre) os resultados que eu quero, então fico feliz com o que eu uso hoje em dia.

Meu trabalho sempre tem referências visuais, então busco sempre fotografar meus próprios modelos pra pintar. Quando o papo é ilustração comercial, já uso mão de infinitas pastas com imagens, que vou unindo pra passar a idéia do q eu quero comunicar, pra depois desenhar e pintar.

QUAIS SÃO AS SUAS AMBIÇÕES ARTÍSTICAS AGORA? O QUE PODEMOS ESPERAR VER DE VOCÊ NO FUTURO?

Sou bastante ambicioso, rs. Quero continuar crescendo na qualidade do meu trabalho e reconhecimento profissional é sempre bom, tanto em renome quanto em grana. Clientes maiores, jobs bacanudos, campanhas legais. Adoraria refazer um Label da Catuaba, um vinho legal, e tal! Ainda não fiz então tá na minha lista!

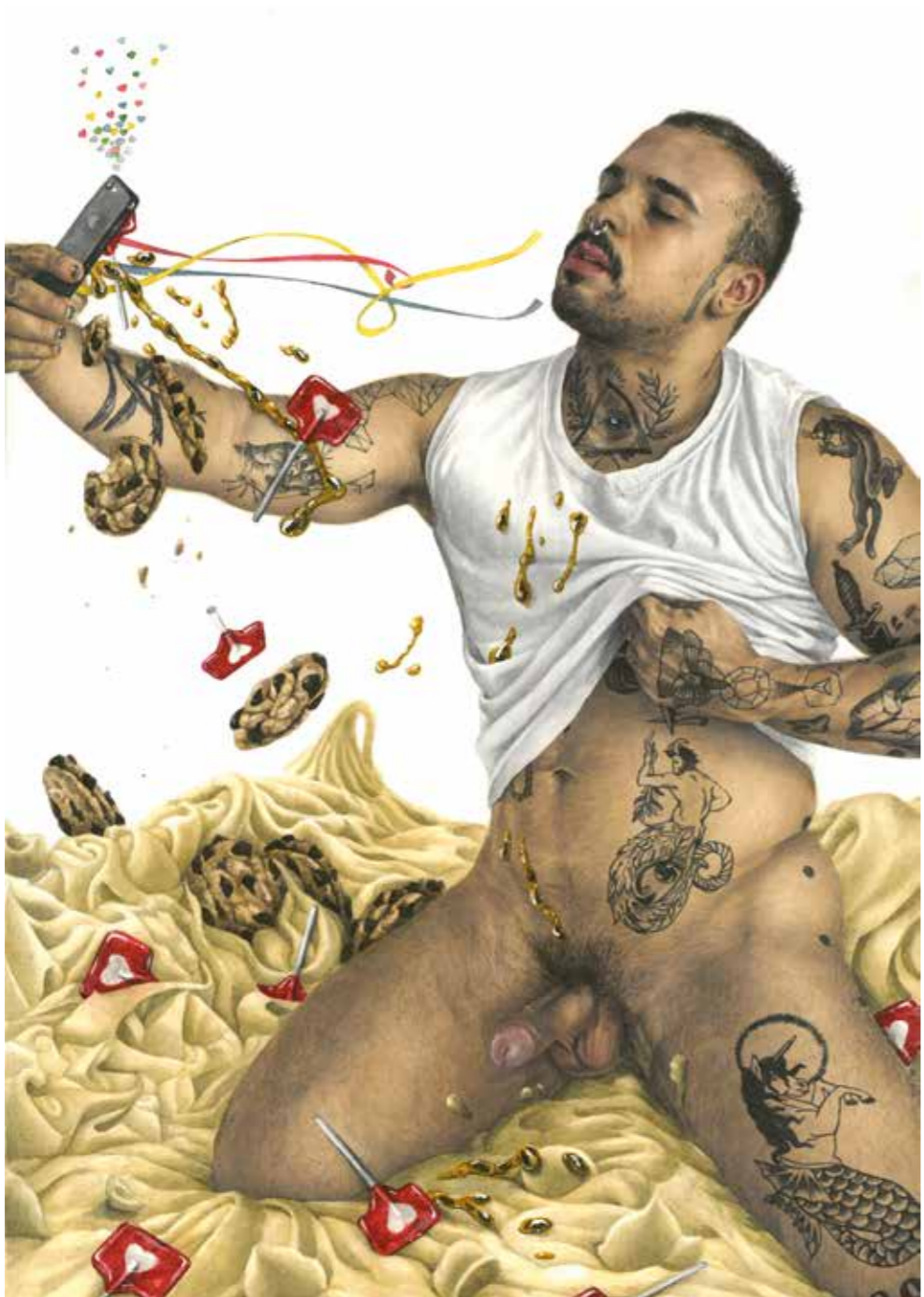
Tô pensando num livro, que um dia sai! E gostaria muito de estar numa dessas publicações da Taschen dos ilustradores mais foda? Gostaria, e muito! rs.

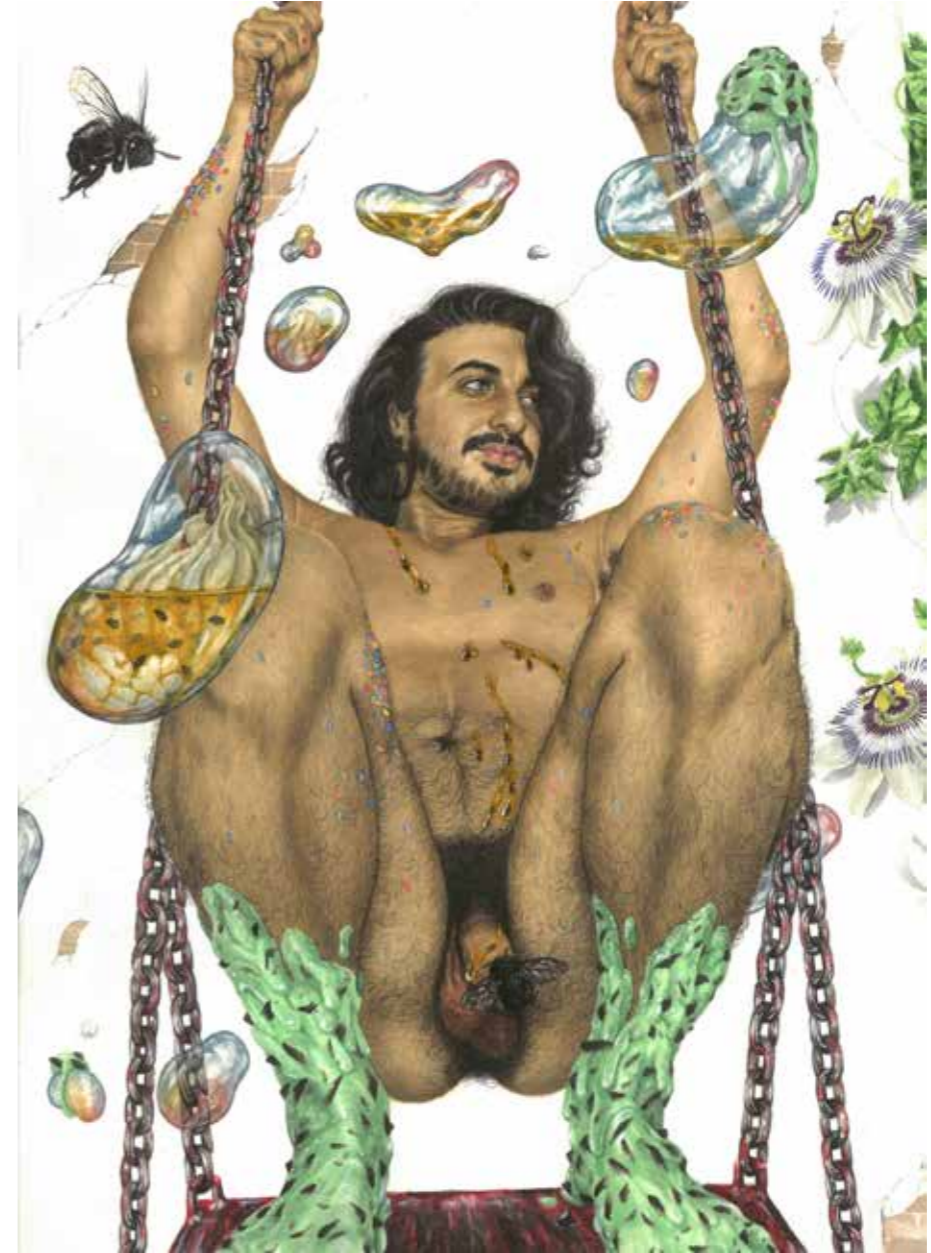
Ando fazendo cursos de Direção de Arte, que tem sido algo muito apaixonante, ver até onde isso vai me levar!

Acho que é isso!











ALMOFADINHAS

texto **MARINA SEIF**

Dizia-se antigamente que toda moça prendada deveria saber cozinhar, costurar e bordar para conseguir um bom marido. O marido não deveria nem passar perto dessas prendas domésticas, que faziam parte exclusivamente do universo feminino. E iam as mulheres, ensinando umas às outras, desde criança, como manusear linhas e agulhas, para construir um enxoval digno do marido ideal.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, aconteceu em 1919, na cidade de Petrópolis, um concurso muito inusitado: um grupo de rapazes se reuniu para definir, quem dentre deles era o melhor na arte de bordar e pintar almofadas, que tinham sido trazidas da Europa especialmente para a ocasião. O evento acabou conferindo ao grupo o codinome de “almofadinhas”.

Eram as almofadinhas um novo tipo de homem. Preocupados com a aparência e descritos pelo escritor Raimundo Magalhães Jr. como “rapazes elegantes e efeminados”, eles punham em xeque a estética e a dureza da sociedade patriarcal da época e, por isso, eram rejeitados pela imprensa e os conservadores de plantão.

Cem anos se passaram desde então e ainda hoje nos deparamos com o estigma de “coisas de homem” e “coisas de mulher”, e o bordado continua estigmatizado como uma ocupação menor, doméstica e feminina, mas aos poucos ele vem conquistando espaço nas artes e mostrando que homem também borda. Prova disso está na consagração pelos críticos dos trabalhos bordados produzidos pelos artistas Arthur Bispo do Rosário e Leonilson.

Eis que em 2015, os artistas Fábio Carvalho (RJ), Rick Rodrigues (ES) e Rodrigo Mogiz (MG), que se dedicam à técnica do bordado em seus trabalhos artísticos, se encontraram.

Dispostos a questionar as noções estereotipadas de gênero, afetividade e sexualidade formam o coletivo “Almofadinhas”, em alusão ao grupo de rapazes de Petrópolis que era reconhecido por este nome.

Embora cada membro do grupo possua uma proposta distinta, eles afirmam que trocam referências entre si e se influenciam mutuamente.

O Fábio explora elementos que representam os conflitos da identidade de gênero e do estereótipo do masculino em um contraponto entre força e fragilidade, delicadeza e brutalidade, com pontos de bordado e acabamento extremamente bem-feitos e executados com perfeição.





“Nos reunimos até o momento para essas exposições, a discussão em torno do bordado e todas as questões em volta dele sempre continuam pelas redes sociais, mantendo essa ideia dos Almofadinhas viva”

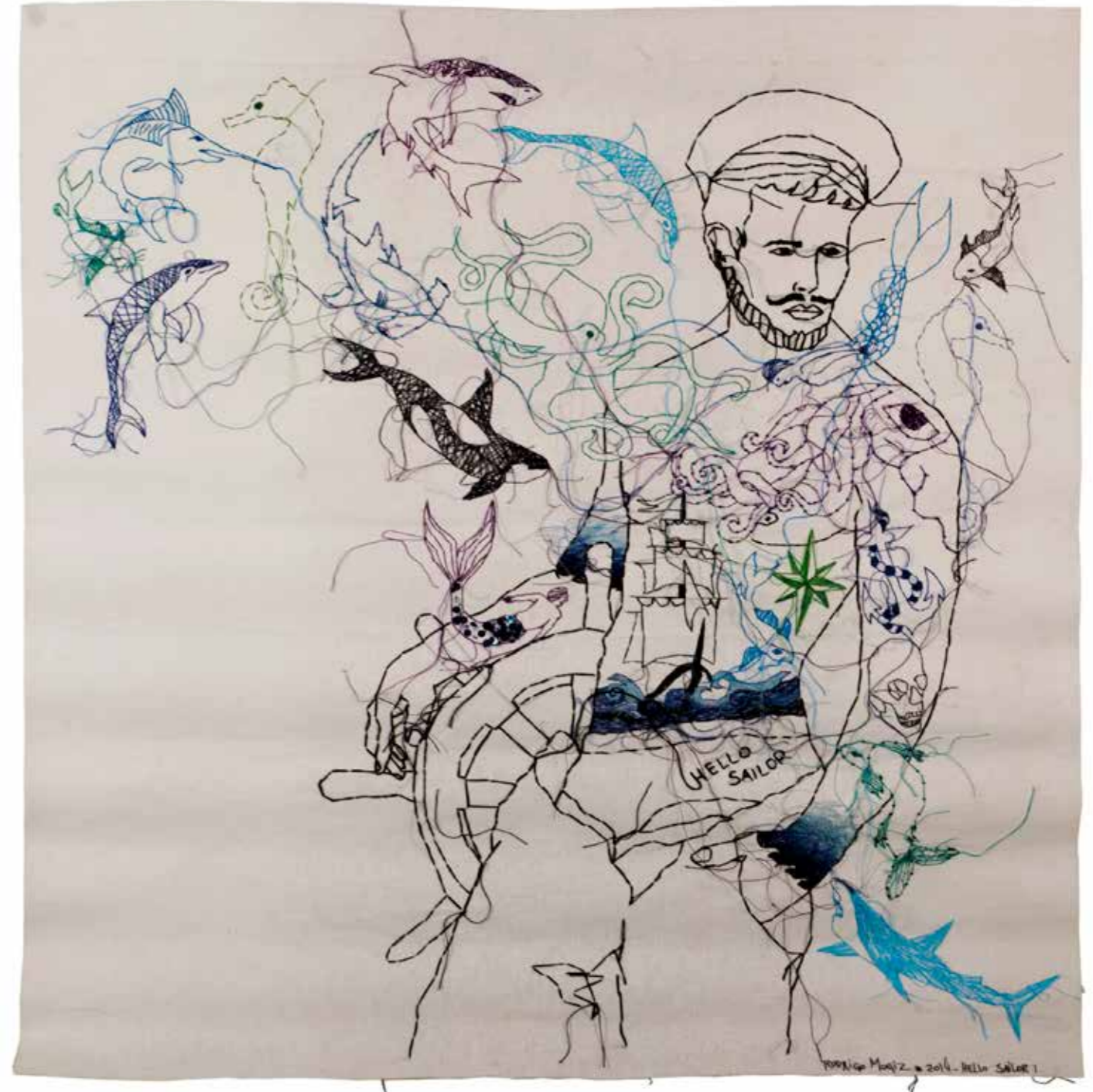
Rick se apropria e ressignifica objetos como miniaturas e juntamente com o desenho cria narrativas cheias de emoção e com forte ligação com os elementos da casa moradia. Seu trabalho traz consigo uma melancolia e uma delicadeza que se contrapõe a força dos temas por ele trabalhados.

Rodrigo apresenta um bordado livre e visceral. Com imagens que aludem à moda e à publicidade, usa de transparência, miçangas, alfinetes e aborda em sua obra questões do universo afetivo e sexual.

Cada um de sua maneira, todos os três utilizam o bordado como suporte para exteriorização, de forma poética, de seus sentimentos e questionamentos.

Tendo sido a última exposição do grupo em 2018, Rodrigo Mogiz nos conta quais são os planos do trio: “nos reunimos até o momento para essas exposições, a discussão em torno do bordado e todas as questões em volta dele sempre continuam pelas redes sociais, mantendo essa ideia dos Almofadinhas viva. Fisicamente foram esses dois projetos, mas seguimos individualmente cada um em paralelo com seus projetos solos, pois cada um vive em uma cidade, buscando também novas oportunidades e meios de fazer outras exposições juntos. Temos conversado sobre as possibilidades de levar para lugares que ainda não fizemos, a princípio no Espírito Santo, estado do Rick, e também São Paulo. Mas, surgindo novos lugares, estamos abertos”.

Ficamos na expectativa para que possamos, em breve, ter a oportunidade de apreciar o trabalho dos três juntos novamente.





THYSELF
OF. **MINÉ**

concepção e fotografia – **RAFAEL DARDES**

moda – **DANILO MICKE**

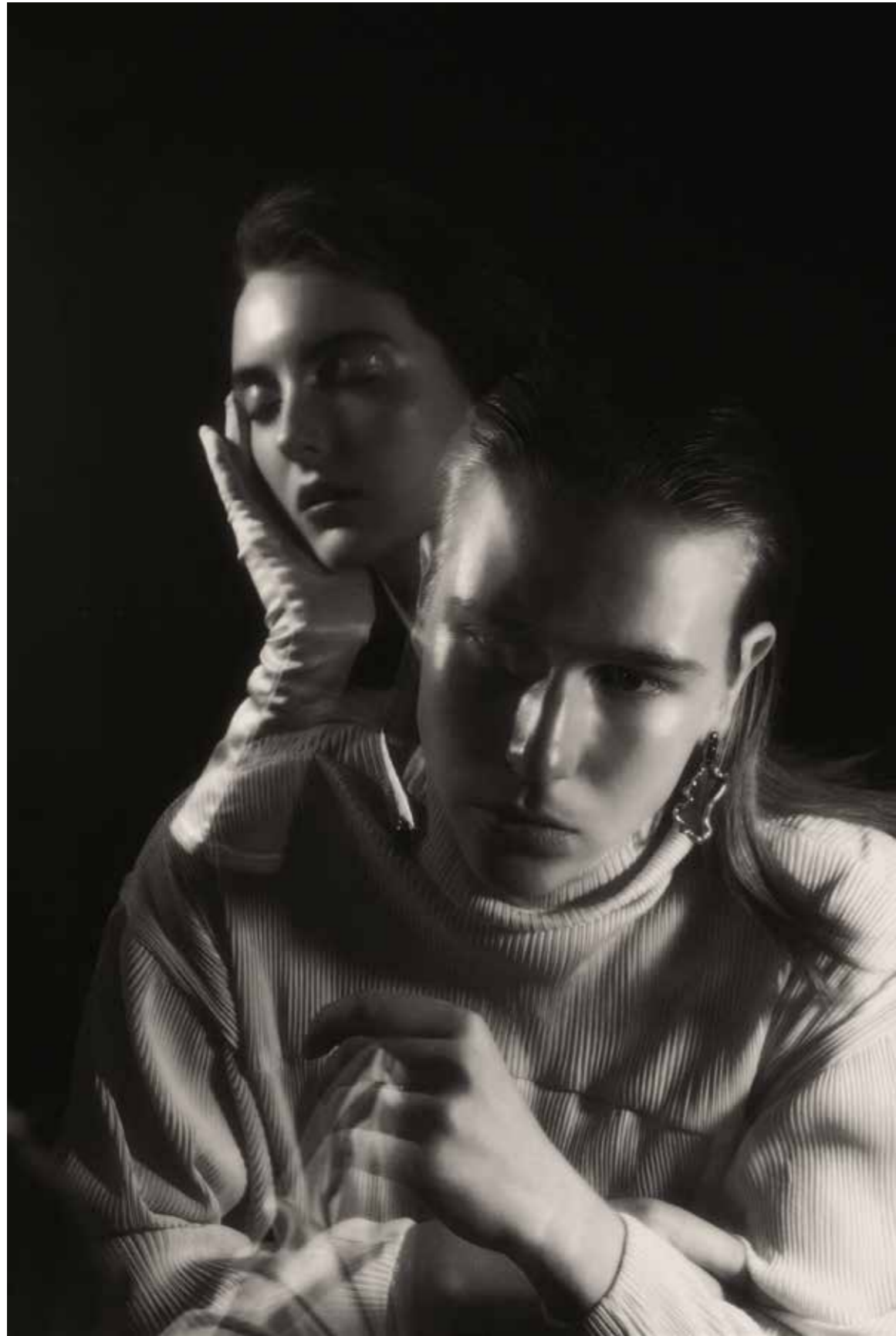
modelos – **ALICIA WEILAND (Joy), AUGUSTO WERLE (Oxygen),
Bruno Amaral (Elo) e SARAH DAUER (Joy)**

cabelo e maquiagem – **MARI KATO**

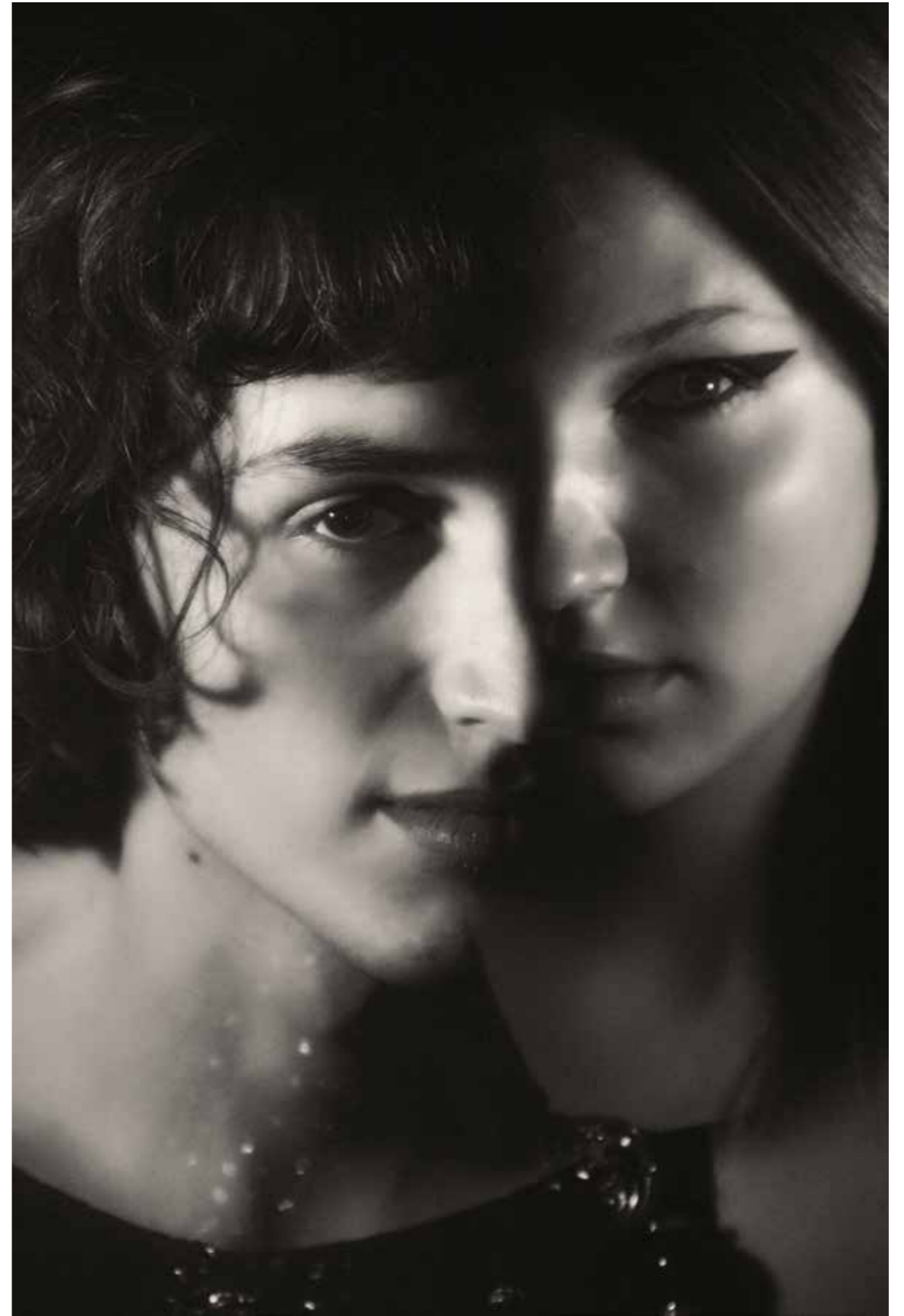
assistente de fotografia – **RODRIGO MOROZETTI**

assistente de cabelo e maquiagem – **CARLAXANE**

agradecimentos especiais – **AMANDA CAMPADDELLO, LILIANA CAMPADDELLO e
ROBERTO CAMPADDELLO**



vestido **ROCIO CANVAS** / brincos **BRENNHEINSEN** / luvas **MINHA VÓ TINHA**





▶
blusa **LILLY SARTI**
brincos **BRENNHEINSEN**
luvas **VICTOR HUGO MATTOS**
calça **HANDRED STUDIOS**
jaqueta **MODEM**



brincos **BRENNHEINSEN** / luvas **VICTOR HUGO MATTOS** / jaqueta **MODEM**



camisa **GIVENCHY**
túnica **HANDRED STUDIOS**



capacete e corset **VICTOR HUGO MATTOS** / luvas **EDSON BRAGA**

AS IMAGENS AQUI APRESENTADAS NA SÉRIE “THYSELF OF MINE” NÃO SÃO MONTAGENS.

Não foram sobrepostas no Photoshop nem são fruto de dupla exposição feita com câmera analógica de película 35mm. Estas imagens foram captadas exatamente como você as vê e são resultado do trabalho de muitos anos que conecta duas mentes criativas e inquietas separadas por décadas no tempo cronológico.

Há cinco anos, folheando o livro “Tudo Sobre Moda”, de Marnie Fogg, me deparei com uma imagem que mudaria minha vida. Trata-se de uma gravura de 1643, feita por Wenceslaus Hollar, que retrata a indumentária feminina da época de acordo com as estações do ano. A gravura em questão, representando o inverno, apresenta uma elegantíssima figura feminina encapuzada e coberta dos pés à cabeça com peles animais. Porém, o que mais me chamou a atenção em toda aquela imagem era o fato de a mulher utilizar, além de todas as camadas de roupa, uma máscara que cobria a parte superior de seu rosto.

Me sentindo incitado a buscar mais informações sobre aquela imagem e o trabalho do artista, pude descobrir que, de forma autêntica e inovadora, ele não apenas registrou em sua série de gravuras as peças de roupa e suas composições, mas também, e principalmente, como as estações do ano influenciavam o senso de auto-imagem das mulheres.

A máscara que a mulher da gravura vestia, aliada às ideias conceituais do artista para este trabalho, me colocaram num modo de profunda análise. Questionei, naquele momento, a auto-imagem enquanto agente definidor da nossa identidade. E, a partir disso, indo além, comecei a divagar sobre a identidade em si e a me perguntar: “O que é de fato identidade?” “Ela existe?” “Onde fica?” “Como se forma?” “Como se transforma?” “Como é possível ser acometido pela perda de identidade?” “E a não-identidade?”. Estes questionamentos passaram a ser o foco do meu trabalho artístico a partir daquele momento.



Gravura de 1643 de Wenceslaus Hollar retratando a indumentária feminina de acordo com a época. A gravura em questão retrata o inverno.

Produzi (e continuo produzindo) diferentes materiais fotográficos autorais durante todo o tempo que passei (e passo) estudando a vastidão da identidade humana, que já foram publicados em diversas mídias ao redor do mundo. Todos eles sempre dentro da linguagem de Fotografia de Moda, que é como a minha arte se expressa, minha ferramenta de linguagem desde que comecei a fotografar, há onze anos. Acredito que a Moda carrega todas as infinitudes da existência humana. Ela não tem limites. É muito mais do que mercado de luxo. É arte. É cultura. É movimentação. É experimentação. É trabalho em conjunto. É reflexo social. É questionamento. E tudo isso se manifesta em meus trabalhos, tendo em mente que me preocupo em fugir de estéticas padronizadas e hiper-comerciais, sempre explorando muitos elementos de irreverência, apesar de ainda assim me preocupar muito com a elegância dos mesmos.

Tendo tudo isso em mente, chegamos num ponto nevrálgico para a história por trás das imagens nesta matéria: numa das ramificações de minhas pesquisas (a música brasileira e como ela interfere na identidade nacional), me deparei com um álbum musical obscuro e muito misterioso que tinha como capa a sobreposição do rosto de uma mulher com o rosto de um gato. Este álbum é intitulado “Persona” e tem início com uma voz masculina soturna e lenta que profere um poderoso discurso sobre a utilização e libertação da persona, “a máscara do ator”. Suas faixas, que são lúdicas e também perturbadoras, misturam diversos elementos e ritmos musicais numa experiência única e têm como títulos elementos do I Ching (monte, céu, terra, fogo, água, vento, lago e trovão). Fiquei imediatamente submerso na sonoridade desconcertante do álbum e senti a necessidade de pesquisar mais sobre.

Perguntei então ao meu pai, músico atuante, se ele conhecia aquele álbum de 1975. Embora a resposta dele tenha sido não, olhando a capa e o nome do álbum, ime-

Para conseguir então desvendar a intrínseca temática da identidade humana, comecei a estudar as áreas do conhecimento que considere fundamentais para isso: Biologia, História, Antropologia e Sociologia. A partir da junção de diversos elementos dessas áreas de conhecimento, acredito ser possível vislumbrar algo que se aproxime do entendimento da identidade humana.

Passei então a estudar anatomia humana e animal, evolução e história natural para poder entender mais sobre como o funcionamento e aparência de nosso corpo interferem no senso de auto-imagem e consequentemente na nossa identidade.

Me aprofundi nos estudos históricos, sempre me esforçando para resvalar num viés que interfira no senso de identidade própria e coletiva: A Revolução Agrícola, a Revolução Industrial e certamente a nova Era Digital que vivemos hoje, por exemplo, são fatores cruciais para a definição da identidade dos indivíduos, na época em que acontecem e também nas que virão. Além disso, o senso de cidadania e identidade nacional, que é particular de cada região, de forma micro e macro, também molda, de forma coletiva, nossa conduta geral e associa-se e instaura-se na nossa própria essência.

Estudei muito também sobre os primeiros indícios de vida humana, desde antes do Australopithecus até chegar ao Homo Sapiens de hoje, e como a cultura da espécie se desenvolveu e evoluiu para chegar ao momento em que tirar “selfies” com nossos smartphones seja algo natural, sendo que antes passamos pelo Código de Hamurabi, que foi o primeiro grande molde de conduta da humanidade, pela Inquisição e também pela Segunda Guerra Mundial. Todos esses elementos fazem parte, por mais que não vejamos dessa forma, da nossa existência e consequentemente da identidade que temos e carregamos hoje.

Há, ainda, elementos fundamentais dos estudos acerca da Sociologia. É imprescindível conceber que performamos papéis sociais no nosso dia-a-dia e, a partir disso, entender como eles se dão. Desvendar mazelas dos nossos comportamentos inconscientes, entender como o ser humano se porta em situações emergenciais, entender como ele se organiza em tempos de escassez e entender como se dá o senso de “família” são só alguns exemplos de elementos sociológicos que se mostram não só muito úteis, mas também essenciais para poder assim começar a chegar a alguma conclusão sobre a identidade humana.



Capa do álbum “Persona”, de 1975.

diatamente ele se recordou de um bar que frequentara décadas atrás no tradicional bairro do Bixiga, em São Paulo, na Rua 13 de maio (esta rua, na década de 1980 e 1990, fervilhava de jovens que sentiam a necessidade de se manifestar cultural e artisticamente, sendo aquele o grande point alternativo da época). Este bar tinha como nome “Persona” e lá dentro, se você desse sorte, era convidado a “viver uma experiência” e ser levado aos porões do bar onde se encontrava, no centro do espaço, um grande espelho translúcido. Se duas pessoas se sentassem diante daquele espelho, uma de cada lado, suas imagens se fundiriam numa só. Nas palavras de meu pai, “choviam adolescentes e jovens pra fumar maconha na porta do bar e entrar lá pra tentar passar por aquela experiência. Era demais”. Este espaço, além de bar, era ponto de encontro de artistas de diferentes ramos e propiciava experimentações artísticas e encontros fora do comum, sendo portanto não apenas um recanto de boemia mas também um centro cultural.

A partir do estonteante relato de meu pai, decidi que precisava ir mais a fundo nessa história e foi assim que me deparei com Roberto Campadello. Roberto, artista italiano radicado no Brasil na década de 1960, era o grande nome por trás do álbum “Persona”. Idealizado e locutado pelo próprio, e tendo a participação de Luís Carlini, do

“Tutti Frutti”, o álbum era o resultado de anos de trabalho contínuo por parte do artista.

E eu, enquanto escrevia, em 2018, um projeto de exposição para o Museu da Imagem e do Som (MIS), que tinha obviamente como tema a identidade humana, senti a necessidade de utilizar o discurso proferido por Roberto no início do álbum em elementos do mesmo. Para isso, precisaria ir atrás dele por questões de direitos autorais e principalmente para ouvir tudo que ele tivesse a me dizer sobre seu trabalho e o álbum.

Para minha infelicidade, descobri que Roberto havia falecido poucos anos antes e isso muito me preocupava pois inviabilizaria a utilização do discurso na exposição. Busquei, então, sua família, para obter mais informações sobre o artista e um possível aval para que ele pudesse, parcialmente, estar presente em minha exposição. Consegui contato com uma de suas filhas, Amanda, que foi imediatamente solícita e carinhosa e marcou um encontro para que eu fosse até sua casa onde poderíamos conversar melhor sobre meu projeto e também sobre seu pai.

De forma muito amigável e detalhada, Amanda me contou sobre os primórdios da carreira de artista do pai, quando exclusivamente pintava quadros no fim dos anos 1960 e que, se sentindo desmotivado, partiu em viagem à Europa. Lá conheceu, após uma “viagem de ácido” que rendeu muitos desenhos, uma garota suíça que identificou uma relação entre a arte de Roberto e o I Ching. Roberto foi, então, se aprofundar na milenar ferramenta de oráculo chinesa que teve impacto perpétuo em sua vida e em seu trabalho. Criou novas formas de leitura para o I Ching, o traduziu para o português do Brasil, praticamente de forma inaugural, e o levou como ponto de partida para todas as suas próximas criações e experimentações artísticas.

Após esse período de estabelecimento do I Ching em sua vida, Roberto, em 1973, em produção para a 12ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo, confeccionou, de forma acidental, uma série de espelhos que levavam um tratamento químico específico. Esses espelhos foram usados para a criação da instalação “Casa Dourada”, que fez parte da Bienal. A instalação consistia em oito espelhos que formavam um octógono fechado cujas paredes eram os próprios espelhos, que devido ao tratamento químico, tinham uma coloração âmbar. Roberto, se declarando na época obra viva, ficava o tempo todo dentro da instalação e dizia a todos aqueles que nela entravam: “Senta e sente”. Quando e se o número ideal de pessoas estivesse dentro da instalação (nunca nem mais nem menos), ele a fechava e ali realizava uma espécie de ritual. Nesse momento, o rosto e corpo das pessoas ali presentes, de acordo com a

movimentação da iluminação, se fundiam nas faces refletoras dos espelhos, causando uma poderosa sensação para quem ali dentro estivesse. Foi também neste momento que Roberto conheceu Carmen Flores, cantora e sua futura esposa, que mergulharia de cabeça na participação e criação das dinâmicas em grupo, assim como na futura gravação do álbum *Persona*. Também fruto deste significativo encontro, nasceria Amanda, sua primogênita, aproximadamente nove meses depois.

Roberto, identificando o potencial da “Casa Dourada” e de seus novos espelhos, entendeu que eles muito se relacionavam com um tema que lhe era benquisto e muitíssimo de seu interesse: a identidade humana. Foi a partir daí que criou o álbum “*Persona*”, que acompanhava um pequeno pedaço dos espelhos confeccionados por Roberto e dois castiçais. O intuito era que você ouvisse o álbum enquanto, com todas as luzes apagadas, se sentasse à frente deste espelho em menor escala sobre uma mesa e mexesse o seu castiçal com velas acesas para criar os efeitos de luz necessários e que outra pessoa fizesse o mesmo, do outro lado do vidro. Assim, as imagens de ambos se fundiriam numa só e seriam refletidas no espelho. O “*Persona*” se solidificava a partir daquele momento enquanto transformadora experiência interativa.

Roberto mais uma vez constatando o potencial de seu trabalho, entendeu que o “*Persona*” poderia ser levado adiante e que poderia se relacionar com outros tipos de manifestações e expressões artísticas. Começou, então, a fotografar as experiências de quem passava pelo “*Persona*”, a ponto de mais pra frente, construir de forma empreendedora, um estúdio de mesmo nome, que trouxe rentabilidade à sua família, comercializando a experiência e as fotos ali produzidas. Este estúdio, que fica em Visconde de Mauá, no Rio de Janeiro, existe até hoje e é comandado por Daniel Campadello, seu filho do meio. Assim como Daniel, Amanda, Liliana, sua filha mais nova, e Carmen, sua esposa, também trabalharam em algum momento da vida e de alguma forma junto de Roberto. Seja no estúdio fixo ou no estúdio itinerante, eles levaram a experiência *Persona* para diversos lugares. Milhares de pessoas, incluindo alguns famosos, se sentaram à frente dos espelhos de Roberto e foram fotografados por ele ou um de seus filhos. Além das produções fotográficas, que levou ao longo dos anos a novos níveis, utilizando-se da imagem humana fundida com mandalas por ele confec-



Instalação Casa Dourada, na 12ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo, em 1973.

cionadas, por exemplo, Roberto também abriu, em 1979, o Bar *Persona*, já mencionado, que recebeu milhares de pessoas no decorrer dos anos de seu funcionamento até seu encerramento em meados dos anos 1990.

Após ouvir com extrema atenção todos os detalhes de tudo que Amanda me contava e olhar com olhos clínicos todo o material que ela me mostrava em sua casa enquanto tomava um apressado café da tarde, vimos que muito poderíamos ter a contribuir um com o outro. Ela, que se importava em manter o trabalho do pai vivo, se encontrando com um artista da atualidade que queria conhecer mais sobre seu pai e utilizar parte de seu trabalho em suas próprias criações e projetos. E eu, que diante de tantas pesquisas, pude encontrar uma raríssima joia e ser recebido de forma tão aberta por ela, que me ajudaria a alcançar meu intuito no projeto vigente. De certa forma, criamos já ali, naquele dia, um vínculo. Tímido e espalhafatoso ao mesmo tempo.

Nos encontramos mais vezes para conversar e passamos a, além de falar de nossos próprios projetos relacionados aos nossos trabalhos, discorrer sobre a vida e identificar que muito tínhamos a ver além do *Persona*. Mas de qualquer forma, tudo que eu mais silenciosamente desejava naquele momento era que Amanda oferecesse a experiência *Persona* para mim. Eu não poderia mais ouvir tantas histórias e ver tantas imagens sem passar efetivamente pela experiência.

Sem eu sequer ter que pedir alguma coisa, Amanda ofereceu envolver a experiência *Persona* no nosso próxi-

mo encontro. Sai da padaria em Perdizes, onde foi nossa conversa, com o coração a mil e os olhos marejados, pois me sentia realizado e orgulhoso diante de todo o processo e os caminhos que eu abria.

O dia da experiência chegou. Amanda e Liliana levaram até minha antiga casa toda a parafernália para que eu, meu namorado e um casal de amigos pudéssemos passar pelo que viria a ser uma das experiências mais avassaladoras de nossas vidas.

Sabendo que o próprio Roberto Campadello acreditava no uso de “ajudas externas” para alcançar novos patamares nas suas criações e experiências de vida, nos equipamos com lisérgicos enquanto as irmãs montavam toda a instalação diante de nossos olhos. Segundo Amanda, “se meu pai estivesse aqui hoje, ele com certeza embarcaria nessa com vocês”.

Deixando esse sonho utópico à parte, caí em lágrimas assim que eu e meu namorado nos sentamos à frente do espelho, cada um em uma face.

Observar toda a sua ideia de auto-imagem e consequentemente de sua identidade ser imediatamente desmontada na sua frente enquanto você funde seu rosto e seu corpo com o rosto e o corpo de uma pessoa amada é uma experiência inenarrável. Se ver através do outro. Ver o outro através de si no outro. Ver a si através da sua imagem no outro. É tudo muito engrandecedor e desconcertante ao mesmo tempo.

Ali ficamos, nós seis, até 5h da manhã, conversando e vivendo a experiência *Persona*, enquanto dentro de mim um pensamento se mostrava muito protuberante: Roberto Campadello está aqui!

Terminei essa experiência com o pensamento de que eu devia a mim, ao Roberto e às filhas dele, agora minhas amigas, uma produção fotográfica, utilizando os espelhos, que tivesse a minha linguagem. Que eu pudesse conectar a criação artística de anos do artista com a minha atuação na Fotografia de Moda. Que eu pudesse contribuir na continuidade e longevidade de seu trabalho através do meu.

Foi assim que cheguei nas fotos que aqui são apresentadas.

Elas são um registro da imagem fundida dos modelos nessa magnífica peça translúcida-refletora, explorando a justaposição de suas personas e suas identidades. E, apesar das fotos mostrarem a junção de seus corpos e rostos, cada um dos modelos se portou, durante todo o trabalho, de forma muito particular diante do espelho. Cada um revelou muito naquela imagem e no seu comportamento, não



Eu e meu namorado Rodrigo diante do espelho, participando da experiência em registro fotográfico de Kaio Bastos.

só sobre a sua habilidade em modelar e ser profissional num sábado à noite, mas também sobre suas experiências passadas e como sua essência se manifesta. E a cada vez que se sentavam à frente do espelho com alguém diferente, nas trocas de duplas, visivelmente muito também se apresentava de forma diferente em suas condutas, movimentações, expressões faciais e sentimentos colocados para fora. Como disse Liliana em determinado momento, e com bastante propriedade: “Olhar-se a si e ao outro e não somente para a objetiva da câmera fotográfica cria reações autênticas. O olho humano instintivamente busca outro olhar humano, mas não é comum ver essa interação em simultaneidade”.

Este trabalho não apenas tem caráter expositivo e imagético, mas também caráter de estudo, pois toda a experiência de registrar a interação dos modelos entre si diante dos espelhos *Persona* foi extremamente enriquecedora enquanto objeto de estudo para a minha área de pesquisa: a identidade humana.

E me atrevo a ir além: este trabalho pode ter, em sua materialização imagética, os rostos e corpos dos modelos sendo fundidos, mas conceitualmente, o que esse trabalho realmente representa é o trabalho de décadas de Roberto Campadello atravessando as amarras do espaço-tempo e se fundindo com o meu trabalho no dia de hoje. ■

FANTASY



CARTOLAMAG.COM